



INVERNO DE ESPERANÇA

“Depois de tanta derrota, depois de tanta demência, e uma dor filha da puta, que tal puxar um samba, um samba legal, um samba porreta, alegrar o dia, pra zerar o jogo”. Embalado na alvissareira canção de Chico Buarque, o Jornal da AdUFRJ aposta que há um clima de mudança no país e traz boas notícias:

- ✓ VITÓRIA DA ESQUERDA NA COLÔMBIA VAI ALÉM DAS URNAS E AJUDA A MUDAR A POLÍTICA NO BRASIL
- ✓ UFRJ NA PRAÇA LEVA CIÊNCIA E ARTE PARA O PARQUE MADUREIRA
- ✓ ATO UNIFICADO PROTESTA CONTRA CORTES NA PRAIA VERMELHA
- ✓ HOSPITAL UNIVERSITÁRIO CRIA PRIMEIRO CENTRO PÚBLICO DE TRANSPLANTES COMPLEXOS
- ✓ VITÓRIA JUDICIAL DA ADUFRJ FAVORECE PROFESSORES APOSENTADOS

ENTÃO QUE TAL
PUXAR UM
SAMBA?

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

O inverno, que chegou esta semana, trouxe ares de esperança. Esta edição do Jornal da AdUFRJ espria esses ares por suas páginas, embalada pela nova canção de Chico Buarque — Que tal um samba? Para espantar o tempo feio. Para remediar o estrago. E põe estrago nisso. Na mesma semana em que o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro foi preso — e logo solto, com denúncias de interferência na Polícia Federal, que investiga o escândalo do desvio de verbas do MEC sob o comando do gabinete paralelo de pastores no ministério —, a sociedade se mobilizou contra os cortes orçamentários que atingem as universidades públicas e a Ciência em nosso país. É a resistência contra o atraso. É a esperança contra o ódio.

Nossa matéria da página 4 mostra como as entidades científicas vêm se mobilizando contra os cortes, com novos atos conjuntos em defesa da academia e da produção científica brasileiras. A AdUFRJ tem se engajado firmemente nessa cruzada. Na quarta-feira (22), o sindicato realizou uma assembleia híbrida, onde os temas dominantes foram os cortes no orçamento e as condições de trabalho na volta às atividades presenciais. A construção de um consenso em torno da prioridade no enfrentamento aos ataques perpetrados pelo governo de destruição de Bolsonaro contra as universidades públicas marcou o encontro. Confira na matéria da página 3.

Uma agenda de atividades vai pautar os próximos passos dessa mobilização em defesa do país. Na próxi-

ma segunda-feira (27), o campus da Praia Vermelha vai abrigar uma atividade de ocupação das universidades federais, proposta pelo Andes. E em julho, em data ainda a ser definida, a AdUFRJ vai promover um ato de resistência em conjunto com as demais entidades representativas da universidade — Sintufrj, DCE, APG e Attufrj. A reitoria terá espaço para expor a dramática situação orçamentária da UFRJ, cujas verbas só cobrem os custos de manutenção até agosto. Reitorias de outras universidades públicas serão convidadas a participar do ato.

O primeiro ato dessa agenda será na rua, junto à população. Neste sábado (25), professores da UFRJ estarão na Praça Olímpica do Parque Madureira para aproximar a universidade da sociedade, denunciar os cortes e mostrar como a Ciência está presente em nosso dia a dia (veja abaixo a programação). Organizadora do evento, a professora Nedir do Espírito Santo, do Instituto de Matemática e diretora da AdUFRJ, acredita que as atividades lúdicas envolvendo diversas áreas do conhecimento possam valorizar o papel das universidades na sociedade, sobretudo em tempos de negacionismo. “Queremos mostrar que nós, professores, trabalhamos não apenas para a formação técnico-científica, exigida pelo mundo do trabalho, mas também realizamos ações educativas de interação com a população contribuindo para a construção do cidadão”.

Dois belos exemplos do trabalho da UFRJ em defesa da vida e do país são temas de duas matérias desta edição. Na página 6, abordamos a futura instalação de um centro de transplantes de alta complexidade no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. A conquista reforça a referência em excelência da unidade de saúde da UFRJ. E, na página 7, mostramos o trabalho do Laboratório de Biologia Molecular de Vírus, que diag-

nosticou o primeiro caso da varíola dos macacos confirmado no Rio de Janeiro. Com foco em pesquisa e prevenção, o laboratório é uma referência nessa área.

Por falar em conquista, a semana foi particularmente agitada na AdUFRJ. Dezenas de professores aposentados vieram à sede do sindicato para garantir o pagamento de atrasados da já extinta Gratificação de Estímulo à Docência (GED). Após 18 anos de disputa judicial, a vitória trouxe de volta à AdUFRJ antigos mestres para assinar termos de procuração que serão levados à Justiça para a última fase processual antes do pagamento. Aposentada da Faculdade de Educação desde 1996, a professora Antônia Petrowa Esteves assinou o termo na AdUFRJ na tarde do dia 21 e fez questão de avisar os amigos da sua época de magistério sobre o ganho judicial. “É um direito que a gente deveria ter conseguido há mais tempo. Foi uma batalha longa dos advogados”, afirmou.

Os ares de esperança vêm também dos Andes. Em robusto artigo na página 5, o cientista político Josué Medeiros analisa o significado da vitória de Gustavo Petro e Francia Marques nas eleições colombianas. Pela primeira vez na história, a Colômbia terá um governo progressista. Josué acredita que o simbólico êxito da esquerda no país andino possa chegar ao Brasil: “Em nenhuma outra nação da América do Sul a violência política é tão aberta e institucionalizada como lá. E se foi possível derrotar a direita autoritária colombiana, também será possível derrotar Bolsonaro aqui”.

Que os bons ventos da cordilheira soprem com força neste nosso inverno de esperança. E que chegue logo a primavera.

Assembleia define atos em defesa da universidade

> Serão três atividades contra os cortes da Educação e C&T. A primeira acontece neste sábado, no Parque Madureira. A segunda será na Praia Vermelha, dia 27. Próximo evento será em julho

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A AdUFRJ realizou sua primeira assembleia híbrida nesta semana. O encontro aconteceu na quarta-feira, dia 22, e reuniu 47 professores de forma remota e presencial. Preocupados com os cortes do orçamento e com as condições de trabalho, os professores decidiram fortalecer a participação em eventos que denunciem a crise imposta às universidades públicas. Nesta sexta-feira, 24, o vice-reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha, confirmou o corte integral de 7,2% no orçamento, conforme o Jornal da AdUFRJ já havia antecipado na semana passada.

Portarias do Ministério da Economia remanejaram o percentual que ainda restava (3,6%) do orçamento bloqueado para o Proagro (Programa de Garantia de Atividade Agropecuária). “Este corte é perverso porque inviabiliza o término do ano letivo”, afirmou a reitora Denise Pires de Carvalho. “Se não houver recomposição, estaremos com o funcionamento comprometido o mais tardar em setembro”, completou o pró-reitor de Finanças, professor Eduardo Raupp.

A primeira atividade de mobilização em defesa da universidade é a UFRJ na Praça. Organizado pela diretoria da AdUFRJ, o evento será sábado no Parque Madureira. Mais de 20 professores farão exposições, experiências científicas, palestras, oficinas e mostras. O objetivo é dialogar com a sociedade, apresentar a produção acadêmica e denunciar os cortes no orçamento.



CONSENSO em torno da defesa das universidades federais e contra os cortes gerou calendário de mobilizações aprovado por unanimidade

Já no dia 27, próxima segunda-feira, será a vez de a Praia Vermelha receber uma atividade de ocupação das universidades federais. O comitê de docentes daquele campus é o responsável pelos materiais de divulgação do ato e pela programação da tarde. Proposto pelo Andes, o dia 27 também é indicado para deflagração da greve nacional dos professores federais, mas os docentes da UFRJ já decidiram, em 18 de março, que não concordavam com a greve por tempo indeterminado. Naquela ocasião, mais de mil participaram da votação e 883 disseram não ao movimento paredista.

A tríade de eventos contra os cortes será concluída em julho. Ainda sem data, a atividade deverá envolver todas as entidades representativas da universidade: AdUFRJ, Sintufrj, DCE, APG e Attufrj. A reitoria será convidada para expor a situação orçamentária da UFRJ. Os pro-

fessores também propuseram que reitores de outras federais participem do ato.

ASSEMBLEIA

O grupo de oposição à atual diretoria da AdUFRJ quis colocar em pauta a discussão sobre o indicativo de greve do Andes. O presidente João Torres, no entanto, rechaçou a proposta. “Programaticamente a nossa diretoria não vota greve nem paralisação sem os temas serem chamados na convocação”, disse. Além disso, Torres lembrou que os professores da UFRJ já se pronunciaram sobre greve. “Entendemos que não há fatos novos”. O presidente acrescentou que a discussão de uma nova rodada de assembleias para discutir a greve envolveu poucas associações docentes e só ganhou com um placar apertado. “Venceu por 7 a 6 na reunião do Andes. Esse é o cenário”. Foi consenso entre os professores que a sensibilização da

sociedade em defesa da Educação passe necessariamente pelo debate orçamentário. “O PIB brasileiro de 2021 foi de R\$ 8,77 trilhões. A Educação recebeu R\$ 96 bilhões. Isso representa 1,11% do PIB”, disse a professora Sara Granemann, do Serviço Social. “Eu não vejo como defender a Educação se não falarmos de dinheiro”, afirmou a professora.

Ildeu Moreira, professor do Instituto de Física e presidente de honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, defendeu a atuação da AdUFRJ tanto no campo da articulação nacional, em defesa da Ciência e Tecnologia, quanto na atuação local, especialmente no que se refere aos direitos dos professores universitários. E pediu que a reitoria fosse mais pressionada a agir contra os cortes orçamentários. “Acho importante cobrar dos reitores uma mobilização mais intensa. É preciso que a universidade, como um todo, pare e reflita sobre os impactos

desses cortes”, disse Ildeu. “Se a UFRJ fizer isso, ela vai impulsionar que outras universidades federais façam o mesmo”.

O professor Rogério Lustosa, da Escola de Serviço Social, lembrou que o inimigo da universidade é o atual presidente do país. “Nosso inimigo é Bolsonaro, é o mercado que quer nos privatizar”, afirmou. “Não podemos agir como a orquestra do Titanic”, disse. “Não podemos desprezar a Andifes. Não podemos desprezar os parlamentares. Vamos unir forças”, exortou.

DELEGAÇÃO AO CONAD

A assembleia também definiu a delegação ao Conad, do Andes. A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, será a delegada. Luís Acosta, do Serviço Social, e Eleonora Ziller, da Letras, serão os observadores. Acosta será, ainda, o primeiro suplente.

PROGRAMAÇÃO

- Oficina DNA funcional
- Oficina Faça sua Manchete / Legenda / 5 fotos, 1 história
- Oficina e palestra Nutrição materna na gestação e amamentação e impactos sobre a saúde dos filhos: programação metabólica
- Oficina Monitoramento Eleitoral 2022
- Oficina Formulando Literacia Científica: Como são feitos os medicamentos?
- Oficina Conhecendo o sistema imune através do microscópio
- Oficina Entre a água e a terra: anfíbios no melhor dos dois mundos
- Teatro Cortando a cabeça do tirano
- Oficina Glominho micorriza
- Oficina A vida do nosso menor animal doméstico, o mosquito
- Jogos e oficina Fazendo Matemática
- Oficina Olhos gigantes na Física. Formando Imagens e Descobrimo Cores.
- Oficinas de circuitos elétrico em meios alternativos
- Oficina Vida na gota d'água
- Jogos e oficina Desmistificando mitos e verdades
- Oficina Conhecendo e modelando proteínas
- Oficina Que bacalhau é este?
- Oficina Cientificarte
- Oficina Diversidade dos insetos
- Roda de conversa Mensageiros das Estrelas Oficina e apresentação de Dança

PROTESTO CONTRA CORTES MOBILIZA CAMPUS DA PRAIA VERMELHA

A comunidade acadêmica da UFRJ vai realizar um dia de mobilizações em defesa das universidades federais. Confira a programação:



10h

Reunião comunitária com representantes da AdUFRJ, Andes, Sintufrj, Attufrj e DCE

14h30

Os cortes orçamentários e a defesa da Educação, da Ciência e da Tecnologia

16h

A defesa do SUS e dos Hospitais Universitários

CONTRA OS CORTES CORTE O GOVERNO

ATOS CONTRA CORTES SE ESPALHAM PELO BRASIL

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

Os impactos dos cortes no orçamento das áreas de Educação, Ciência e Tecnologia são conhecidos, e especialmente sentidos pela comunidade científica. Mas quais são os efeitos de longo prazo para o país? Esta e outras questões foram analisadas na mesa de debates “A responsabilidade da Economia nos cortes em Ciência e Educação: A meta é desenvolver ou subdesenvolver?”, organizada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pela Academia Brasileira de Ciências (ABC), na terça-feira (21). O encontro virtual reuniu os presidentes das duas entidades, além da Andifes e de diversos ex-ministros de Estado, como Fernando Haddad (Educação), Luiz Carlos Bresser-Pereira (Ciência e Tecnologia) e Nelson Barbosa (Fazenda e Planejamento). O debate foi a principal atividade do Dia Nacional “Não aos cortes em Educação e Ciência”, organizado por diversas entidades do setor. “O quanto a economia ganha com Educação e Ciência? O projeto do Brasil é desenvolver ou subdesenvolver?”. Com essas

perguntas, o professor Renato Janine Ribeiro, presidente da SBPC e ex-ministro da Educação, abriu o debate. Ele lembrou ainda dos ataques a outras áreas, como a Cultura e o Meio Ambiente, criticando a agenda do governo. “Todos esses ataques parecem ter um propósito muito mais de atrasar do que de avançar o Brasil. E uma sociedade para o progresso da Ciência quer que o Brasil progrida, que avance”, defendeu Ribeiro.

Com a queda no investimento em pesquisa dos últimos anos, acentuada durante o governo Bolsonaro, o Brasil está perdendo uma janela de oportunidade mundial de assumir um papel importante entre os países que mais investem em pesquisa, dentro de um contexto de profunda competição. A avaliação é do ex-ministro da Ciência e Tecnologia e ex-reitor da UFMG Clélio Campolina Diniz. “Estamos assistindo à mais acelerada corrida tecnológica da história em escala mundial”, resumiu o professor. Segundo ele, os 20 países que mais publicam artigos no planeta aumentaram a sua produção em 200% neste século. Ele também destacou o papel central que a China assumiu neste cenário. “Por incrível que pareça, a China deslocou os EUA e assumiu a primeira

“O que há agora é a total inviabilidade de operação das nossas instituições já no segundo semestre deste ano”

MARCUS DAVID
Presidente da Andifes

posição no ranking”, detalhou. O professor falou ainda de outros países asiáticos, como a Coreia do Sul e a Índia, que também aumentaram sua produção científica.

Para efeito de comparação, o professor apontou que a Coreia do Sul faz o maior investimento proporcional ao seu PIB (4,5%) em Ciência e Tecnologia. Em seguida vem o Japão, com 3,5% do PIB investido. Já o Brasil investe apenas 1,16% do PIB na Ciência. “Isso é dramático. Há uma mudança na ordem global

e do Brasil nisso. Há impactos econômicos e geopolíticos significativos na ordem global”, explicou o professor, que ainda acrescentou: “É um imperativo para o Brasil investir em Educação, Ciência e Tecnologia, não só para melhorar as condições econômicas e sociais da população, mas também a nossa posição no cenário global”.

O economista Nelson Barbosa também defendeu o investimento em Ciência e Tecnologia como uma das maneiras de o Estado agir como indutor da economia. “Está cada vez mais claro que o conceito de investimento tem que ser ampliado. Investimento não é só infraestrutura econômica tradicional, mas envolve também uma infraestrutura social e tecnológica”, explicou Barbosa. Ele ainda citou como as experiências de desenvolvimento de alguns países vieram a partir do investimento em Educação, Ciência e Tecnologia. “É um gasto transformador, um gasto que transforma a estrutura produtiva e as relações sociais, e precisa ser tratado como investimento”, acrescentou.

Nelson Barbosa defendeu ainda que uma política de fomento à pesquisa precisa ter três ações: recursos, previsibilidade e a valorização da Ciência e Tecnologia. “Dinheiro, previ-

sibilidade e valorização. É isso que os países que conseguem fazer bem Ciência e Tecnologia fazem”, explicou.

O presidente da Andifes, Marcus David, apresentou o grave cenário pelo qual passam as instituições federais de ensino após os cortes feitos por Bolsonaro. “Os dois ministérios que sofreram os maiores bloqueios foram os da Educação e da Ciência e Tecnologia”, disse o professor, que tratou o fato não como uma coincidência, mas como uma política do governo que compromete o futuro do país. Segundo ele, o orçamento discricionário de 2022 é inferior à metade do orçamento executado em 2015. “Nossos problemas foram agravados com o bloqueio realizado nos nossos orçamentos. O que há agora é a total inviabilidade de operação das nossas instituições já no segundo semestre deste ano”, denunciou Marcus.

O debate não foi o único evento do dia, que contou com outras mesas virtuais organizadas pela SBPC, ABC e Andifes, e com um ato público da APUBH em frente à reitoria da UFMG. Na quinta-feira (23), mais de 50 reitores, reitoras e congressistas da Frente Parlamentar pela Valorização das Universidades Federais fizeram um ato contra os cortes no Congresso Nacional.

NOTAS

NOVA DIREÇÃO DO SINTUFRJ FICA ATÉ 2025

O auditório do Centro de Tecnologia (CT), na Cidade Universitária, recebeu na terça-feira (21) a cerimônia de posse da diretoria do Sintufrj que estará à frente da entidade até 2025. Os coordenadores gerais Marta Batista, Laura Gomes, Esteban Crescente; e Carmen Lúcia, da coordenação de Administração e Finanças, conduziram a solenidade. A gestão, a primeira com paridade entre homens e mulheres, deixou claro o compromisso pelo “Fora Bolsonaro”.

O presidente da AdUFRJ, professor João Torres, saudou a nova gestão e enfatizou o delicado momento político do país. O docente convidou o Sintufrj para a organização de um grande ato em defesa da UFRJ. “Neste momento tão difícil, vamos trabalhar juntos no que for possível”, disse. A reitora Denise Pires de Carvalho, com covid-19, enviou um vídeo saudando a nova diretoria-executiva do Sintufrj.



FOTOS: ESTELA MAGALHÃES

COPPE COMEÇA SÉRIE DE HOMENAGENS A PINGUELLI

O lançamento da série de homenagens “Pinguelli, cidadão do mundo” aconteceu no dia 21 de junho, na Coppe. O professor Luiz Pinguelli Rosa, emérito da UFRJ e primeiro presidente da AdUFRJ, faleceu em março deste ano. Na ocasião também foi lançada sua autobiografia “Memórias - de Vargas a Lula: a resistência à ditadura e ao neoliberalismo”. Um dos convidados da mesa, o presidente da SBPC, Renato Janine Ribeiro, destacou “o empenho de Pinguelli” para “colocar a pesquisa, a ciência e a tecnologia a serviço da independência nacional”, disse. “Ele nos deixou um legado e cabe a nós continuar essa tarefa tão importante. Hoje é um dia de luta contra os cortes na Ciência e na Educação, então nada mais justo que ter uma homenagem ao professor Pinguelli”, completou. O professor Ricardo Medronho representou a diretoria da AdUFRJ no evento.

Artigo

JOSUÉ MEDEIROS
PROFESSOR DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UFRJ

COLÔMBIA: BOAS NOVAS VÃO MUITO ALÉM DAS ELEIÇÕES

No começo do mês de dezembro de 2021, eu ocupei este espaço trazendo as boas e más notícias que vinham do Chile. Aquela altura, chilenos tinham uma esquerda renovada com o então deputado federal Boric e uma extrema-direita fortalecida com o ex-senador Kast para o segundo turno. Faltavam ainda semanas para o pleito final e a boa notícia era a vitória de Boric, que se confirmou. A má notícia era a força da extrema-direita chilena, que acendeu um alerta para a América do Sul em geral e para o Brasil, em particular.

Passados seis meses, o resultado do processo eleitoral na Colômbia me traz de volta a este jornal, mas agora munido somente de boas notícias: a eleição de Gustavo Petro como presidente da Colômbia e de Francia Márquez como vice-presidente, em 19 de junho de 2022, é um evento histórico sem precedente para o povo colombiano e com um significado mais do que positivo para as eleições brasileiras deste ano.

POR QUE PETRO E FRANCIA FIZERAM HISTÓRIA?

Pela primeira vez na história, a Colômbia terá um governo progressista. No auge da “onda rosa” sulamericana dos anos 2000/2010, apenas o governo colombiano não foi ocupado por um presidente de esquerda. A Argentina teve Nestor Kirchner e Cristina Kirchner; a Bolívia teve Evo Morales; o Brasil teve Lula e Dilma Rousseff; o Chile teve Ricardo Lagos e Michelle Bachelet; e o Equador teve Rafael Correa; o Paraguai teve Fernando Lugo; o Peru teve Ollanta Humala; e Uruguai teve Tabaré Vázquez e Pepe Mujica; a Venezuela teve Hugo Chávez e Nicolás Maduro.

Não se trata de comparar os projetos desses mandatários. Sabemos que Mujica e Maduro são quase que antagônicos; tampouco queremos aqui projetar o que será o governo Petro e Francia. Mas é preciso afirmar em alto e bom som que em nenhum país foi tão difícil conquistar a Presidência pelo voto como a Colômbia. Em nenhuma outra nação da América do Sul a violência política é tão aberta e institucionalizada como lá. E se foi possível derrotar a direita autoritária colombiana, também será possível derrotar Bolsonaro aqui.

A Colômbia é um dos países que mais mata sindicalistas, ambientalistas e



defensores de direitos humanos no mundo. Sua economia e defesa são altamente dependentes dos Estados Unidos. É o país com mais bases militares estadunidenses na América do Sul. Sua política é dominada por debate securitário que estimula o medo e o autoritarismo. Diversos presidentes de direita buscaram legitimar a repressão aos movimentos sociais a partir de um suposto combate às guerrilhas e ao narcotráfico. As milícias paramilitares de direita sempre atuaram com liberdade, matando esquerdistas, como ocorreu no massacre de novembro de 1985.

Por fim, o quadro político colombiano é tão pautado pela extrema-direita que nem mesmo a paz com as FARC conseguiu maioria na sociedade. O acordo de paz entre a guerrilha e o governo colombiano foi mediado por Cuba, assinado em setembro de 2016, e em outubro do mesmo ano foi rechaçado pela população em um plebiscito, quando o Não venceu com 50,21% dos votos. A despeito do resultado, o então presidente Juan Manuel Santos manteve a negociação, consolidada em novembro de 2016. A paz se cristalizou em 2017, quando finalmente as FARC entregaram as armas e viraram um partido político — mas isso não fez cessar a violência política no país. Por tudo isso, o feito de Petro e Francia é histórico.

QUEM SÃO PETRO E FRANCIA?

Gustavo Petro, novo presidente eleito da Colômbia, é economista e ex-guerrilheiro. Sua organização, o M-19, atuou como guerrilha urbana (diferentemente

colha. Diante da votação consagrada da ativista, não restou a Petro outra opção para a composição da chapa como vice-presidente.

E agora, uma vez que eles venceram as eleições, os sentidos dessa composição impactam não apenas a Colômbia, mas também o Brasil, prestes a enfrentar as eleições mais importantes da nossa recente democracia

QUAL É O SIGNIFICADO DA VITÓRIA DE PETRO E FRANCIA?

A composição entre Petro e Francia significa uma aliança entre os dois pilares do progressismo sulamericano. Petro representa o pilar que atuou pela redemocratização da região desde o final dos anos 1970 até os anos 1980 e que protagonizou o ciclo progressista do século XXI. Ele é da mesma geração de Lula, Mujica, Tabaré Vazquez e Bachelet. Já Francia é a expressão das novas personagens políticas que entram em cena já no ciclo progressista, exigindo uma democracia mais substantiva não apenas na questão social, mas também na igualdade de gênero e raça, na defesa dos povos tradicionais e da natureza, na centralidade das pautas dos direitos humanos. Ela é da mesma geração que o presidente do Chile, Gabriel Boric.

A aliança entre esses dois pilares não é óbvia e, pelo contrário, em muitos países as tensões entre essas duas visões têm prevalecido aos acordos. Isso ocorreu sobretudo em momentos de choque quando o pilar da redemocratização estava no governo e as novas personagens começaram a entrar em cena. Foi assim no Chile com a Revolta dos Pinguins em 2006 e as Jornadas de Junho no Brasil, em 2013.

É por isso que as boas notícias que vêm da Colômbia vão além da vitória eleitoral. Essa aliança tem o potencial de não apenas reconquistar a direção do Estado — como já ocorreu no Chile e vai ocorrer no Brasil em outubro —, mas também de pautar os novos governos progressistas na direção de reformas sociais e políticas que aprofundem a democracia na América do Sul.

O atual ciclo de governos de direita e extrema-direita, do qual Bolsonaro é o caso mais emblemático, mas que tinha na Colômbia sua maior força, nos mostrou que não bastam instituições democráticas mais ou menos consolidadas. É preciso que a violência política e a desigualdade sejam de fato combatidas para que democratização não seja apenas institucional, mas se enraíze em uma cultura cidadã mais efetiva.



UFRJ avança em pesquisas sobre varíola dos macacos

> Laboratório de Biologia Molecular de Vírus detectou primeiro caso confirmado da doença no Rio. Experiência adquirida no combate à pandemia de covid-19 serve de modelo a grupo de trabalho

ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufrrj.org.br

O primeiro caso da varíola dos macacos confirmado no Rio de Janeiro foi diagnosticado pelo Laboratório de Biologia Molecular de Vírus (LBMV/UFRJ), coordenado pela professora Clarissa Damaso, em parceria com o Laboratório de Virologia Molecular, do Instituto de Biologia. Com foco no estudo dos poxvírus, família de vírus da varíola (orthopox) e da varíola dos macacos (monkeypox), o laboratório é uma referência nessa área, tendo descoberto uma cepa do vírus Vaccinia em 1999, o vírus Cantagalo.

Clarissa lidera o grupo de trabalho para o enfrentamento da doença, composto pela UFRJ em maio deste ano. "Ele é constituído por uma equipe com vários profissionais da área de Saúde: virologistas, infectologistas, médicos ligados ao controle de infecção hospitalar, imunologistas, todos que têm contribuído para um pensamento mais conjunto em torno de como vamos abordar a questão do monkeypox dentro do nosso ambiente acadêmico", diz.

A transmissão da varíola dos macacos se dá pelo contato com lesões e crostas na pele de pessoas infectadas, secreções respiratórias e objetos contaminados, como roupas de cama, toalhas e vestes de pessoas infectadas. "A prevenção é justamente evitar o contato com as lesões, evitar ficar perto de pessoas infectadas face a face e usar luvas e máscara para tocar em roupas e objetos contaminados", explica a professora Clarissa.

A varíola foi erradicada no mundo em 1980 e a vacina contra a doença parou de ser aplicada no Brasil em 1979. Por mais que essa vacina seja eficaz contra a monkeypox, é possível que a imunidade dos vacinados tenha caído ao longo dos anos. "Teria que ser feito caso a caso, ver como está a imunidade da pessoa hoje em dia. Mas quem se vacinou está mais protegida do que uma pessoa que nunca tomou a vacina", diz a professora.

LIÇÕES DA COVID-19

O Núcleo de Enfrentamento e Estudos em Doenças Infecciosas Emergentes e Reemergentes (Needier/UFRJ), sob coordenação da professora Terezinha



LABORATÓRIO de Biologia Molecular de Vírus, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, é referência em pesquisa em poxvírus



ENSAIO de placa mostra a presença de vírus nas amostras. O azul são as células e os espaços em branco, os vírus



A nossa experiência foi bem-sucedida no enfrentamento da covid-19 e serviu para que a gente utilizasse esse mesmo modelo"

TEREZINHA CASTIÑEIRAS
Coordenadora do Needier/UFRJ

Castiñeiras, trouxe ao GT aprendizados do combate à pandemia de covid-19 para uma resposta rápida e eficaz à disseminação da varíola dos macacos. "A nossa experiência foi bem-sucedida no enfrentamento da covid-19 e serviu para que a gente utilizasse esse mesmo modelo. Temos um núcleo clínico com pessoas da área de Infectologia, então conseguimos dar esse apoio, definir se um caso é suspeito ou não, se ele merece ser investigado como monkeypox ou se é um caso típico de catapora", explica a professora.

O professor de Imunologia Orlando Ferreira, coordenador

do Laboratório de Virologia Molecular, explica que o núcleo está aberto a profissionais de diferentes áreas que sejam necessários para o combate da monkeypox. "A gente chegou à conclusão que o modelo ideal era unir pessoas que estão trabalhando em frentes que antigamente eram isoladas e colocar essas pessoas juntas, porque assim elas podem proporcionar uma resposta muito mais eficaz e real. Um dos primeiros casos de diagnóstico do Brasil está sendo feito aqui não por outra razão. Nós estamos preparados para fazer isso", diz.

"Somos uma instituição que

trabalha com um tripé de ensino, pesquisa e extensão, então não nos limitamos ao diagnóstico. Esse material que está sendo coletado também serve para o segmento da pesquisa e proporciona respostas importantes para que os órgãos gestores tomem medidas de prevenção significativas, como foi ao longo de toda a pandemia", completa a professora Terezinha.

Samuel Hir é estudante de Biotecnologia e participa da pesquisa no LBMV realizando o diagnóstico da presença dos poxvírus na crosta de feridas de pessoas ou animais infectados. "O que eu faço é isolar o vírus do material clínico e formar um estoque mais limpo. No material temos pele, sujeira, muitas coisas ali. Eu isolo o vírus e coloco em cultura de células, para trabalhar sem fatores externos", explica. Danielle Velasco é estudante de Biomedicina e também atua no laboratório. "Sempre gostei da área de Virologia. É muito bom poder trabalhar com isso agora que está ganhando uma maior importância", diz.

HU terá primeiro centro de transplantes complexos do SUS

> Unidade será capaz de fazer cirurgias combinadas de coração, pulmão, rim, pâncreas e fígado. Previsão dos primeiros atendimentos é em agosto. Contratações e obras começam em julho

ISADORA CAMARGO
comunica@adufrrj.org.br

O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho vai receber o primeiro Centro Nacional de Transplantes complexos (CTNc) pelo SUS. A previsão é que os primeiros atendimentos ocorram já em agosto. "Um projeto desse porte só poderia ser recebido pelo HU, um hospital generalista capaz de suprir as demandas complexas de estrutura e atendimento, e com o diferencial de trabalhar com formação e pesquisa", comenta Marcos André Santos, nefrologista do Centro de Transplante Renal da unidade.

O CTNc realizará transplantes combinados de coração,

pulmão, rim, pâncreas e fígado, transplantes em pacientes com problemas imunológicos, além do desenvolvimento de um programa de reabilitação intestinal e transplante intestinal e multivisceral. Para isso, o HUCFF receberá do Ministério da Saúde R\$ 30 milhões em equipamentos, como ultrassom, além de materiais de laboratório, e mais R\$ 50 milhões ao ano para a contratação de 200 novos profissionais. Serão realizadas, ainda, com apoio financeiro da rede privada Dasa, reformas no setor F do sétimo andar, onde será alocado o centro. Inicialmente, serão seis leitos de terapia intensiva (CTI) e oito de enfermaria. As contratações e reforma terão início em julho, e a compra dos equipamentos já está em andamento.

Idealizado em setembro de



Um projeto desse porte só poderia ser recebido pelo HU, um hospital generalista capaz de suprir as demandas complexas de estrutura e atendimento, e com o diferencial de trabalhar com formação e pesquisa"

MARCOS ANDRÉ SANTOS
Médico nefrologista do HU

2021, o projeto foi apresentado à Secretaria de Atenção Especial à Saúde, do Ministério da Saúde, ainda na gestão de Eduardo Pazuello. A princípio, o CTNc não teria a UFRJ como destino. Foram cotados inicialmente os institutos nacionais de Car-

diologia e o de Traumatologia e Ortopedia, além do Hospital Federal da Lagoa. No final do ano passado, a proposta chegou ao HU, que a recebeu de braços abertos.

O CTNc cumprirá um papel fundamental nacionalmente,

tanto no atendimento a pacientes de todos os estados da federação, quanto na formação de profissionais. Para isso, contará com a parceria da Universidade de Nebraska, dos Estados Unidos, que enviará, ao longo do ano, especialistas para assessorar na capacitação da equipe do programa de reabilitação intestinal e transplante multivisceral.

"É uma das maiores vitórias do SUS no tocante aos transplantes, um investimento milionário num hospital federal. Demonstra a importância do Hospital Universitário no ensino, pesquisa e no protagonismo de uma medicina de excelência no Brasil. Será uma referência na América Latina", declara Eduardo Fernandes, professor do Departamento de Cirurgia da UFRJ e um dos idealizadores do projeto.

MUTIRÃO DE DOAÇÃO DE SANGUE NO HU VAI ATÉ 1º DE JULHO

Iniciado na segunda-feira (20), o Mutirão 2022.1 de doação de sangue no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho vai até 1º de julho. A ação é uma parceria do HU com o projeto Sangue da UFRJ. O reforço no número de doadores neste período é essencial para abastecer os bancos de sangue da unidade, que necessita coletar, em média, 450 bolsas por mês para manter o estoque seguro.

O mutirão deste ano foi antecedido pelo Dia Mundial do Doador de Sangue (14/6), quando os estudantes que integram o projeto promoveram uma cam-

panha de conscientização, com faixas e distribuição de panfletos na Cidade Universitária, convocando a comunidade a doar.

Os doadores são recebidos das 8h até 13h30 no terceiro andar do HU. Basta se inscrever pelo formulário disponível nos perfis do Sangue da UFRJ, nas redes sociais. Os voluntários do projeto entrarão em contato para agendar o horário da doação e tirar dúvidas. As inscrições vão até quinta-feira (30).

Estão aptos a doar todos aqueles que possuem entre 16 e 69 anos, pesam 50 quilos ou mais, e estão bem de saúde.



Também é preciso ficar atento a prazos após infecções, realização de cirurgias, tatuagens ou colocação de piercings. No final, o doador ainda terá aces-

so aos exames realizados para averiguar qualquer impedimento. Victor Prado (foto), de 21 anos, é estudante de Ciências Matemáticas e foi doar pela primeira

ACERVO PESSOAL

vez no segundo dia do mutirão. "Sempre quis começar, mas nunca tive coragem de tomar a iniciativa. Recebi o e-mail pelo SIGA e me inscrevi na hora. Os responsáveis me contataram e no dia me acompanharam do prédio onde estudo até o local de doação, respondendo quaisquer dúvidas".

Um dos principais objetivos da campanha é conseguir doadores fixos, que possam manter constante o fluxo de coleta. "O HU é um hospital de alta complexidade e tem um consumo de sangue alto que precisa de um abastecimento constante para atender os pacientes. Não existe sangue artificial. Precisamos contar com as pessoas que queiram e possam doar. Se cada um de nós fizer uma ou duas vezes ao ano, já faz toda diferença", destaca Carmen Nogueira, chefe do Serviço de Hemoterapia do HU. (Isadora Camargo)



SEMANA AGITADA A sala de recepção da AdUFRJ ficou bastante movimentada, nos últimos dias, com a visita de professoras e professores aposentados para assinar o termo de procuração da GED. Entre eles, os ex-reitores Adolpho Polilo (à esq.) e Paulo Alcântara Gomes (ao centro). Todos surpresos com o ganho judicial após tantos anos

VITÓRIA!

> Mais de 150 professores aposentados comparecem à sede da AdUFRJ para garantir pagamento de atrasados da antiga Gratificação de Estímulo à Docência (GED). Disputa judicial durou 18 anos

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Elas lotaram a sede da AdUFRJ nos últimos dias. Professoras e professores aposentados e sindicalizados vieram ao Fundão, após receberem a notícia de que o sindicato ganhou uma antiga disputa judicial. A vitória será revertida em razoável ganho financeiro para cada docente envolvido na causa. Todos os vitoriosos se aposentaram há mais de 15 anos. A ação data de 2004 e se refere a valores atrasados da extinta Gratificação de Estímulo à Docência (GED). Até o fechamento desta edição, 156 docentes assinaram um termo de procuração que será levado à Justiça para a última fase antes do pagamento.

Ainda sem saber quanto poderá receber, a professora Antônia Petrowa Esteves compareceu à sede da AdUFRJ na tarde do dia 21 para assinar o documento. A docente, aposentada da Faculdade de Educação desde 1996, fez questão de avisar os amigos da sua época de magistério sobre o ganho judicial. “É um direito que a gente deveria ter conseguido há mais tempo. Foi uma batalha longa dos advogados. Infelizmente, houve essa morosidade da Justiça”, afirmou.

Antônia foi informada por um e-mail disparado pela secretaria da AdUFRJ. A professora mantém o endereço eletrônico atualizado no cadastro do sindicato e incentiva os colegas a fazer o mesmo. “Foi uma surpresa. Eu nem esperava mais receber este dinheiro. Mas, já que está saindo, é bom, né?”, brincou.

“Foi uma boa surpresa”, reforçou o ex-reitor Paulo Alcântara Gomes, professor titular aposentado da Coppe em 1998, que visitou a sede do sindicato na quarta-feira, 23. “É importante manter-se sindicalizado. A AdUFRJ defende bem os

professores”, completou.

Professora do Instituto de Macromoléculas, Regina Célia Reis Nunes aposentou-se em 1995, três anos da instituição da GED. “Nem lembrava da gratificação. Não tinha a menor expectativa de receber algo ainda”, disse.

Sindicalizada desde 1979, a docente ainda frequenta a universidade para a realização de alguns projetos. E mantém o cadastro sempre atualizado junto à secretaria do sindicato para receber informes e eventuais brindes: “Recebi aquele livro da pandemia. Muito bonito”, disse, em referência à publicação que reuniu matérias e artigos produzidos pela equipe de Comunicação da AdUFRJ, de março de 2020 a agosto de 2021. “Eu me mudei há nove anos e informei o novo endereço para a AdUFRJ”, completou.

Presidente da AdUFRJ, o professor João Torres comemorou o sucesso da ação judicial: “É claro que ter uma boa notícia nesses tempos tão difíceis é muito bom. É maravilhoso ver os nossos colegas aposentados voltando à AdUFRJ e conversando um pouco conosco”, disse. “Alguns professores vão receber valores bastante significativos, o que nos deixa muito felizes”.

João enfatizou o trabalho da assessoria jurídica, que sustentou esta disputa ao longo de 18 anos. “Um dos serviços mais importantes que oferecemos aos nossos filiados é o suporte jurídico. Os filiados da AdUFRJ não pagam nada quando uma ação é impetrada em benefício deles”.

ENTENDA A AÇÃO

Em 2004, o governo baixou uma medida provisória, depois transformada em lei, que reduziu a pontuação da GED para os aposentados. Eles passaram a receber o equivalente a 91 pontos, enquanto os ativos ganhavam por 140 pontos. A AdUFRJ impetrou mandado de segurança coletivo pela isonomia e ganhou a ação em 2005. Mas todos só passaram a receber os valores corretos a partir de junho

de 2007, após alguns recursos feitos pela universidade.

A UFRJ implementou a complementação nos contracheques sob a rubrica “10289 decisao judicial n tran jug ap”. “Mas ficaram pendentes as diferenças que não foram pagas corretamente, para trás”, afirma Bruno Moreno, advogado da AdUFRJ.

Somente no fim de maio, o sindicato conseguiu judicialmente os documentos necessários para o cumprimento da sentença. A universidade forneceu uma listagem dos docentes que já eram aposentados em junho de 2007, não estavam recebendo a GED corretamente e tiveram a implementação da diferença devida no referido mês. A listagem pode ser conferida no site do sindicato.

Mas o jurídico ainda precisa calcular o período que o professor ficou sem o valor correto (desde dezembro de 2004 ou a partir da aposentadoria, se posterior a este mês e anterior a junho de 2007) e acrescentar os juros e correção monetária.

Todos os sindicalizados interessados na causa devem assinar a procuração até segunda, 27. Os documentos e cálculos serão apresentados ao juiz até 29 de junho, prazo prescricional da ação. “Depois disso, fica um pouco mais ariscado. Nós pedimos a interrupção do

prazo prescricional da execução, mas pode haver controvérsia judicial”, esclarece Bruno.

“Vamos fazer os cálculos para apresentar a petição de execução individualizada ao juiz. Não gosto de falar em valores para não criar expectativas muito altas”, completa o advogado. “O cálculo varia muito de pessoa para pessoa. Depende da diferença mensal para a GED integral da época, depende da data de aposentadoria”.

DOCENTES FORA DA LISTAGEM

Quem não consta da listagem precisa verificar se em junho de 2007 (caso a aposentadoria tenha ocorrido antes) foi acrescentado algum novo valor no contracheque sob a rubrica “10289 decisao judicial n tran jug ap”.

A legislação da época estabelecia que o professor levava para a aposentadoria a média aritmética da GED recebida nos últimos 24 meses da ativa. Muitos professores não constam da listagem por que já haviam incorporado a gratificação aos proventos em seus valores máximos. Porém, a assessoria jurídica reforça a solicitação de que o docente confira o contracheque de junho de 2007 para checar se consta a rubrica da decisão judicial. O documento pode ser obtido via aplicativo Sou.Gov, do governo federal.

O QUE FOI A GED?

Instituída em julho de 1998, após uma greve nacional dos professores, a Gratificação de Estímulo à Docência já nasceu polêmica. Os docentes reivindicavam do governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso um reajuste linear. Já a GED variava conforme a pontuação atribuída a cada professor por uma comissão institucional de avaliação. O cálculo também depen-

dia da titulação, do regime de trabalho e da classificação dentro da carreira. O processo de avaliação levava em consideração as atividades de ensino, pesquisa e extensão, produção intelectual, além de funções administrativas ou de representação. Uma Medida Provisória do governo Lula extinguiu a gratificação, em maio de 2008.